

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://periodicos.unifesp.br/index.php/exilium/article/view/13073>

DOI: 10.34024/exilium.v3i4.13073

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2022 by Universidade Federal de São Paulo/Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

Raymond Williams e o Paradoxo do Exílio em 1984

Alexandro Henrique Paixão¹

Resumo: Este artigo é um estudo analítico dos escritos de Williams e do romance de Orwell, considerando que ambos abrigam o tema do exílio e do autoexílio. Como método, faz-se uso da explicação de texto. Descreve-se, *a priori*, a constituição de Winston, personagem central de 1984. Em seguida, aborda-se o último capítulo de *Cultura e Sociedade*, de Raymond Williams, que é dedicado a George Orwell e a sua obra literária, incluindo 1984. Ali, Williams reconhece no escritor inglês o “paradoxo do exílio”. Esse é o ponto que se pretende debater. Para tanto, releem-se o romance britânico e o referido capítulo de Williams. Além disso, estuda-se outro capítulo de sua autoria, intitulado “Indivíduos e Sociedades”, do livro *The Long Revolution*. Nesse texto, exílio e autoexílio são conceituados e debatidos. Conclui-se que os três personagens observados – Orwell, Williams e Winston (protagonista de 1984) – constituem-se como figuras que viveram, de modos distintos, o exílio e o autoexílio.

Palavras-chave: Raymond Williams; George Orwell; 1984; Exílio; Autoexílio.

¹ Pós-doutorado em História e Teoria Literária na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); doutorado e mestrado em Sociologia na Universidade de São Paulo (USP); graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Marília. Psicanalista (membro filiado da SBPSP); Professor do Departamento de Ciências Sociais na Educação, da Faculdade de Educação da Unicamp. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-1684-3611>. E-mail: ahpaixao@unicamp.br.

RAYMOND WILLIAMS AND THE PARADOX OF EXILE IN 1984

Abstract: This paper is an analytical study of Williams' writings and Orwell's novel, considering that both harbour the theme of exile and self-exile. The employed method is text explanation. First, the paper discusses the constitution of 1984's main character, Winston. Then, the last chapter of Raymond Williams' *Culture and Society* is analysed. This chapter is devoted to George Orwell and his literary work, including 1984. Therein, Williams recognises in the English writer the "paradox of exile" which is the point this paper intends to discuss. To this end, Orwell's novel and Williams' chapter are reread, this time accompanied by another of William's texts, the chapter "Individuals and Societies" from the book *The Long Revolution*. In this chapter, exile and self-exile are conceptualized and discussed. The paper concludes that the three observed characters –Orwell, Williams, and Winston (the protagonist of 1984) – are constituted as figures who lived, in different ways, exile and self-exile.

Keywords: Raymond Williams; George Orwell; 1984; Exile; Self-Exile.

O objetivo deste artigo é discutir literatura e exílio. Para debater literatura, selecionei como obra ficcional o romance popular 1984 de George Orwell. Para discutir o exílio e o autoexílio, a partir desse romance, vou me basear naquilo que Raymond Williams (1921-1988), sociólogo e crítico literário galês, caracterizou como o "paradoxo do exílio" de George Orwell.²

Essa discussão, Williams realizou no último capítulo de *Cultura e Sociedade* (1958), e irei combiná-la com outros argumentos do autor sobre exílio e autoexílio reunidos em outro livro de sua autoria, *The Long Revolution* (1961), especialmente com aquilo que expõe no capítulo "Indivíduos e Sociedades".

Para além dessas referências extraídas da obra de Williams, mobilizarei uma síntese de Erich Fromm sobre a arte de amar. De Sigmund Freud, indicarei breves formulações acerca da histeria. Isso porque exílio,

² WILLIAMS, Raymond. George Orwell. In: WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969, p. 298.

autoexílio, amor e histeria são palavras-chave para nos ajudar a comentar o romance 1984, à maneira de uma sociologia e uma psicanálise da literatura, combinadas para pensar o seguinte problema de sociação e individuação: exílio e autoexílio são mais que expulsões de determinada sociedade; representam um amoroso refúgio individual.³

Partindo dessas ponderações iniciais, meu movimento aqui será bastante localizado. Destaco alguns trechos constitutivos do romance 1984. Por meio deles, tento construir conexões de sentido entre o personagem principal do romance, Winston Smith, o literato George Orwell e a biografia de Raymond Williams.

Essas três personalidades nunca se reuniram numa mesma casa de chá inglesa ou numa reunião do partido socialista. Ainda assim, possuem afinidades eletivas entre si na relação com o exílio e o autoexílio experimentados dentro ou fora do texto literário, conforme pretendo demonstrar por meio da seguinte explicação causal: literatura e exílio dependem da compreensão de que o amor e o ódio são atos políticos e definidores do caráter social de nossas personalidades exiladas e autoexiladas. É por aí que devemos começar, com a conexão complexa que existe entre necessidades instintuais e política.

Winston

Inicialmente, vamos dar voz a Winston e a seu amor, Julia, os dois amantes de 1984. Winston e Julia viviam numa sociedade em que o amor e o desejo sexual eram altamente interditados, porque a ordem era o puritanismo sexual como algo necessário para inibir e destruir qualquer instinto. A explicação dada pelo narrador de 1984 do porquê o amor necessitava ser represado era a seguinte: “Quando você faz amor, está consumindo energia; depois se sente feliz e não dá a mínima para coisa nenhuma. E eles não toleram que você se sinta assim. Querem que

³ Sobre sociação e individuação a referência é: SIMMEL, Georg. A sociabilidade. In: SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, pp. 59-61.

você esteja estourando de energia o tempo todo”⁴. O resultado era que “a privação sexual levava à histeria, desejável porque podia ser transformada em fervor guerreiro e veneração ao líder”⁵, nesse caso, o Grande Irmão, mais conhecido como *Big Brother*.

Há, portanto, nesse romance, o argumento de que existe uma conexão íntima e direta entre castidade e ortodoxia política.⁶ Na verdade, essas eram as duas grandes forças castradoras do impulso sexual, combustível para fazer movimentar aquela sociedade descrita por Orwell, uma sociedade de constituição histórica. Para caracterizar essa sociação da situação histórica, é preciso, primeiramente, compreender qual a estrutura social da sociedade em que Winston e Julia se amavam e odiavam o Grande Irmão.

Para minha análise e exposição, selecionei alguns trechos do próprio romance, em que Orwell nos apresenta uma excelente síntese da estrutura social da “Oceania”. Cabendo aqui a advertência, antes de iniciarmos a leitura, de que estamos tratando de um texto ficcional, e não da realidade, muito menos da brasileira. Essa ponderação é necessária, especialmente, quando nos depararmos com a defesa ideológica de que a “terra é plana”⁷ e de que o objetivo central daquela sociedade era “matar várias centenas de milhões de pessoas em poucos segundos sem aviso prévio.”⁸ Tais informações podem levar o leitor a pensar que não estou me referindo ao romance, mas às páginas da história recente deste país, mergulhado em crises, tragédias e dilemas de todas as ordens. Na verdade, associar 1984 à situação brasileira é um “duplipensamento”, e isso, assegura-nos Winston, é perigoso praticar.

Feitas essas reparações, podemos seguir vigiados, porém mais aliviados, pois o assunto aqui é a sociedade oceânica e o Partido, representado pelo Grande Irmão (o *Big Brother*), cujas ideias e princípios são passados a toda a sociedade por intermédio de um novo vernáculo

⁴ ORWELL, George. Parte II: 3. In: ORWELL, George. 1984. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2020, p. 187.

⁵ *Ibidem*, p. 186.

⁶ *Ibidem*, p. 187.

⁷ *Ibidem*, pp. 350-1.

⁸ *Ibidem*, p. 256.

ou língua oficial, chamado Novalíngua ou Novafala, inscritos numa terra com a seguinte estrutura social:

No topo da pirâmide está o Grande Irmão. O Grande Irmão é infalível e todo-poderoso... Ninguém jamais viu o Grande Irmão. Ele é um rosto nos cartazes, uma voz na teletela. O Grande Irmão é o disfarce escolhido pelo Partido para mostrar-se ao mundo. Sua função é atuar como um ponto focal de amor, medo e reverência, emoções mais facilmente sentidas por um indivíduo do que por uma organização [porque o] fator decisivo é a atitude mental...⁹

[Trata-se de] um elaborado treinamento mental aplicado na infância e relacionado às palavras *criminterrupção*, *negribranco* e *duplipensamento*, em Novafala, [o que] deixa sem desejo nem capacidade de pensar muito profundamente em qualquer assunto...¹⁰

Duplipensamento significa a capacidade de abrigar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias e acreditar em ambas... [Trata-se de] um vasto sistema de logro mental [que] Erode sistematicamente a solidariedade da família e chama seu líder por um nome que é apelo direto ao sentimento de lealdade familiar [brother, irmão]... Essas contradições não são acidentais e não resultam da mera hipocrisia: são exercícios deliberados de *duplicpensamento*. Pois somente reconciliando contradições é possível exercer o poder de modo indefinido.¹¹

Tentei resumir aqui alguns momentos do romance, sobretudo sua estrutura de sociedade e sentimento,¹² mas faltou dizer ainda que, nesse mundo de Orwell, chamado Oceania, existem outras duas potências,

⁹ ORWELL, George. Parte II: 3. In: ORWELL, George. 1984. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2020, pp. 270-1 e 276-7, interpolações de minha autoria.

¹⁰ *Ibidem*, p. 275, grifo do autor e interpolações de minha autoria.

¹¹ *Ibidem*, pp. 278-81, grifo do autor e interpolações de minha autoria.

¹² Tratando especificamente de “estrutura de sentimento”, o termo vem de Raymond Williams e se refere ao modo de vida (a cultura comum) de um grupo ou de uma sociedade. Uma síntese do termo aparece, sobretudo, em seu livro *The Long Revolution* ([1961] 2011), mas o leitor pode encontrar um resumo em: PAIXÃO, Alexandro Henrique. Raymond Williams: história intelectual inglesa, cultura e educação de adultos no pós-guerra. In: 41º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu: Anpocs, 2017, pp. 25-8. Disponível em: <<http://anpocs.org/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt15-26/10732-raymond-williams-historia-intelectual-inglesa-cultura-e-educacao-de-adultos-no-pos-guerra/file>>. Acesso em 18 de novembro de 2021.

a Eurásia e a Lestásia, que estão sempre em guerra. O fator decisivo, portanto, nessa sociedade, é o conflito opressor, que leva Winston e Julia a se exilarem em alguns momentos, a autoexilarem-se em outros, para amar, odiar e tramar alguma reação agressiva contra o Partido.

Por meio dos sentimentos de amor (de Winston para com Julia e vice-versa) e de ódio (de Winston para com o Partido), adentramos no problema clássico da relação de indivíduo e sociedade, com o aporte da psicanálise para nos ajudar no debate sobre os instintos, a fim de caracterizar os tipos de sociação histórica.

Segundo Erich Fromm, psicanalista e sociólogo alemão, amor pode ser assim definido:

[...] el amor [...] significa *unión a condición de preservar la propia integridad*, la propia individualidad. *El amor es un poder activo en el hombre*; un poder que atraviesa las barreras que separan al hombre de sus semejantes y los une a los demás; el amor lo capacita para superar su sentimiento de aislamiento y separatividad, y no obstante le permite ser él mismo, mantener su integridad. En el amor se da la paradoja de dos seres que se convierten en uno y, no obstante, siguen siendo dos.¹³

O amor seria uma atividade paradoxal, algo que denota uma ação, mediante um gasto de energia, e que produz uma mudança da situação existente. No caso de Winston e de Julia, essa energia amorosa tinha como meta exterior destruir o Partido. Os encontros e desencontros às escondidas, no campo, num quarto empoeirado alugado, no meio da multidão, onde se tocavam pelos dedos das mãos, tudo o que esses dois amantes fizeram até serem presos, torturados e depois liberados, era um grande ato exilado de amor. Eles se refugiaram no amor; e, nesse exílio dos amantes, não sentiam nenhum medo, mas muita coragem e fé em si mesmos e nos outros dissidentes. Foi no exílio dos amantes que eles tramaram e organizaram todos os tipos de contravenção que imaginavam. A síntese apresentada pelo narrador é a seguinte: “A união dos dois foi

¹³ FROMM, Eric. La teoría del amor. In: FROMM, Eric. *El arte de amar*. Buenos Aires: Paidós, 2017, p. 37, grifo do autor.

uma batalha; o gozo, uma vitória. Era um golpe assentado contra o Partido. Um ato político”¹⁴.

O exílio juntou duas pessoas, homem e mulher, em uma só. Nisso consistia o paradoxo dos seres de que tratava Fromm, porque “*En el amor se dá la paradoja de dos seres que se convierten en uno y, no obstante, siguen siendo dos*”¹⁵.

Nos momentos finais do romance, Winston chega a reconhecer e exclamar algo dessa estrutura de sentimento ao dizer: “Ah! Que obstinado autoexílio do peito amoroso!” Vale repetir, do “peito amoroso”¹⁶. É o amor que prevalece, que se mantém, ele é o combustível que faz toda a mecânica dos sentimentos funcionar.

O amor era a única coisa mais poderosa do que o Grande Irmão, por isso esse sentimento foi sugado de Winston e Julia, os dois amantes de 1984. Eles foram descobertos, presos e torturados até esvaziarem toda a porção humana de suas memórias, seus desejos, suas vontades, ou seja, tudo o que possuíam. Só foi mantido o amor. Essa era a única força que o Partido, mesmo em seus infinitos atos de tortura, não desejava aniquilar do corpo e da alma desumanizados de Winston. Embora o que tenha se mantido no amor não tenha sido os sentimentos mais pungentes por Julia, mas pelo Grande Irmão. Depois da tortura, Julia era rejeitada, enquanto o Grande Irmão passava a ser idolatrado.

Nisto consistia o paradoxo do exílio e autoexílio amoroso: quem era amado passava a ser odiado, e quem era odiado passava a ser amado. O ato de vontade outrora capaz de gerar uma energia libidinosa muito potente foi desviado do alvo natural, outra pessoa, para ser canalizado agora para uma porção abstrata, opressora e messiânica chamada *Big Brother*. O impulso sexual individual converteu-se em algo casto, abstinente, pudico, produzindo um tipo de sociação histórica altamente absolutizadora da ortodoxia política.

¹⁴ ORWELL, George. Parte II: 3. In: ORWELL, George. 1984. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2020, p. 179.

¹⁵ FROMM, Eric. La teoria del amor. In: FROMM, Eric. *El arte de amar*. Buenos Aires: Paidós, 2017, p. 37.

¹⁶ ORWELL, *Op.cit.*, p. 371.

Todas essas representações antitéticas, ambivalentes, expressas na contravontade de Winston de amar o Grande Irmão, eram agora convertidas num enlace amoroso exatamente com o objeto indesejado, sendo esse mecanismo próprio de uma sociação com características histéricas. Histeria, aqui, é pensada no sentido freudiano, como um conjunto de afetos estrangulados, cuja carga acumulada é convertida não em energia psíquica criativa e transformadora, mas em atos aflitivos, porque “a inibição da vontade é causada pela angústia concomitante à realização da ação”¹⁷. A configuração da histeria se dá quando toda energia sexual foi inibida, isto é, não transformada em libido. Essa energia viva e criativa, geradora do mundo e das coisas, seria canalizada agora para fora da consciência de Winston, mas não se converteu em uma dor física, como é comum nos casos histéricos, mas sim em uma reação ao mundo externo da sociedade Oceânica, na forma de atuação política.

Tratava-se de uma manobra eficaz recheada de sentimentos agressivos, impulsionados não pelo amor, mas pelo medo. A raiz da sociação histérica era a agressão como sintoma do medo vivido nas entranhas de Winston: “Para intensificar a libido, se requer um obstáculo; e onde as resistências naturais à satisfação não foram suficientes, o homem sempre ergueu outros, convencionais, a fim de poder gozar o amor. Isto se aplica tanto aos indivíduos como às nações”¹⁸.

Quando o amor entre Winston e Julia foi estrangulado e transferido para outro alvo, o Grande Irmão, a natureza das coisas se modificou profundamente, pois já não temos a relação mútua entre duas pessoas, mas uma relação de poder com características de tirania, em que o amor foi substituído pelo medo e pela agressão, entendidos agora como a nova forma dos afetos. Essa intensificação da libido, conforme lemos em Freud, também se aplicava, podemos aventar, à nação oceânica, pois se tratava de uma sociedade engajada em converter o amor em forças cruéis e destrutivas. Com as forças amorosas de Winston e Julia sufocadas, tudo

¹⁷ FREUD, Sigmund. Caso 2: Sra. Emmy Von N, Idade 40 anos, da Livônia (Freud). In: FREUD, Sigmund. *Estudos sobre a histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 121.

¹⁸ *Idem*. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II). In: FREUD, Sigmund. *Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 195.

era projetado para fora na forma de um amor repugnante para o Grande Irmão. Embora ainda fosse amor, esse sentimento não construía o futuro, antes congelava aquele presente e sacrificava qualquer alteração ou mudança.

Essa impossibilidade de mudança da realidade é própria do sentimento do autoexilado, conforme nos descreve Raymond Williams, num outro contexto:

Nós temos pensado nos exilados como homens expulsos de sua sociedade, mas uma figura moderna igualmente característica é o autoexilado. O autoexilado, se assim decidir, poderá viver com comodidade em sua sociedade, mas isso implicará negar sua realidade pessoal. Por princípio, às vezes, vai embora, mas com a mesma frequência ele fica, mas, ainda assim, sente-se separado. Os bolcheviques têm usado um termo para isso, um 'emigrado interno', e se compreendermos que essa situação não se limita à política, poderemos utilizá-la para descrever uma relação moderna muito importante. Esse tipo de autoexilado vive e se move na sociedade em que nasceu, mas rejeita seus objetivos e deprecia seus valores, em razão de princípios alternativos com os quais está comprometida toda sua realidade pessoal [...]. O estímulo de sua atividade é preservar essa diferença e manter sua individualidade, que é o termo que usa para designar sua separação. Essa condição apresenta uma grande tensão, porque – ao menos teoricamente –, o autoexilado quer que a sociedade mude para poder pertencer a ela, e isso implica, pelo menos do ponto de vista conceitual, associar-se. Mas... como sua dissidência pessoal [...] ficou fixada numa fase individual, fica difícil estabelecer relações adequadas com outros dissidentes. Talvez até apoie os princípios de causas dissidentes, mas não pode unir-se a elas: é demasiado cauteloso e não quer ficar ligado ou comprometido. Deve defender principalmente seu modelo de vida, sua mente, e quase todas as relações são uma ameaça potencial a isso. Conserva o já conquistado 'autêntico eu', mas não pode compartilhar essa autenticidade com outros nem a transmitir; caso assuma o compromisso de comunicar isso, irá fazê-lo de maneira característica, mas com um comprometimento mínimo. Seja o que for, em essência, segue caminhando só em sua sociedade, defendendo o princípio de si mesmo.¹⁹

O trecho é longo, mas necessário para caracterizar o exílio e o autoexílio definidos por Williams em *The Long Revolution*. A discussão é mais do que bem-vinda porque nos ajuda a compreender as atitudes

¹⁹ WILLIAMS, Raymond. Individuals and Societies. In: WILLIAMS, Raymond. *The Long Revolution*. Wales: Parthian, 2011, pp. 114-5. Tradução de autoria nossa.

de Winston no romance *1984*, quando defende o princípio de si mesmo (individualização). Quando o personagem diz que é uma minoria de um ou que em seu peito amoroso bate o desejo do autoexílio, Orwell descreve, para nós, esse tipo social que quer que a sociedade mude para poder pertencer a ela. E não era para menos, pois estamos falando da sociedade oceânica, um lugar que, conforme já descrevemos, era difícil de habitar, restando o refúgio amoroso como uma condição necessária de sobrevivência.

No fim das contas, o romance parece estar ligado por essas duas pontas: amor e ódio preservado e o autoexílio conservado. Isso porque Winston é a prova de que não há possibilidades de aquela sociedade mudar, logo a regra era amar e se exilar, quando isso era possível.

Quem leu *1984* sabe que, nos primeiros momentos do romance, deparamo-nos com a habitual prática dos “Dois Minutos de Ódio”.²⁰ Quando estamos prestes a terminar de ler o romance, descobrimos que “Winston amava o Grande Irmão”²¹. Ódio e amor costuram toda a trama narrativa e suas raízes da agressão. E, sendo o ódio um hábito e o amor não, cabia ao Partido manter a força motriz do amor bastante controlada, dominada, reprimida e dirigida apenas para um único ser, o Grande Irmão. Ele e o Partido eram o que justamente Winston mais odiava, aqueles que ele almejava “apodrecer, fragilizar e minar”²², justamente com seu amor por Júlia, convertendo essa energia libidinal numa arma capaz de estraçalhar a sociedade oceânica. Mas não foi isso o que aconteceu. A contravontade converteu-se na vontade, confirmando a lei de que o exilado vive paradoxalmente.

Williams e Orwell

Paradoxo do exílio foi um termo que Raymond Williams usou para batizar a síntese operante no romance de George Orwell, codinome de Eric Arthur Blair, que nasceu em Bengala, na Índia, em 1903.

²⁰ ORWELL, George. Parte II: 3. In: ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2020, p. 44.

²¹ *Ibidem*, p. 371.

²² *Ibidem*, p. 178.

Williams, galês nascido em 1921, dedicou o último capítulo de seu livro *Cultura e Sociedade* a esse autor indiano, conhecido também por sua obra *A fazenda dos animais* (anteriormente traduzida como *A revolução dos bichos*), de 1944, lembrando que 1984 foi publicado cinco anos depois, em 1949.

Assim como Winston, Williams foi também um exilado ou um eremita, conforme dizia sobre si mesmo, após ter sobrevivido à Segunda Guerra Mundial e retornado a Cambridge para se formar no curso de Literatura Inglesa e conseguir seu primeiro emprego como tutor de adultos, dentro do Departamento Extramuros da Universidade de Oxford, que tinha uma parceria com uma associação chamada Workers' Educational Association.²³ Quando Williams assumiu esse posto de tutor em East-Sussex, sentiu-se bastante exilado do universo político e acadêmico de Cambridge e Oxford, pois o trabalho na educação de adultos, apesar de enriquecedor, refugiava nosso autor em outro mundo, na educação de trabalhadores, plataforma política não da esquerda britânica, mas do programa conservador de Winston Churchill e da Coroa Britânica, visando a educar sobreviventes de guerra. Williams teceu várias críticas à política educacional britânica na educação de adultos, a seu caráter extensionista e elitista, a sua política enriquecida de publicidade e poucas ações concretas.²⁴ Enfim, Williams vinha da esquerda britânica, do Partido Trabalhista, e se deparava com políticas educacionais controladas pelo Partido Conservador, que tinha um projeto de “duplipensamento”, podemos aventar, para o movimento de adultos: era necessário educar os adultos trabalhadores, mas não se pretendia modificar a educação vigente, que não dava conta de formar, justamente, esses adultos trabalhadores. Mantinha-se um sistema caro, mas sem nenhuma eficiência nem bons resultados para a classe trabalhadora.

Williams deparou-se com tudo isso em 1946, e até 1961 ocupou-se desses problemas, mas somente em partes, pois, quando foi possível,

²³ Este argumento expus e desenvolvi pela primeira vez em um artigo intitulado “Três anos difíceis”, a ser publicado pela revista *Crítica Marxista* (no prelo), por isso vou me limitar aqui a apenas indicar o problema.

²⁴ Conferir PAIXÃO, Alexandro Henrique. Raymond Williams e educação democrática, *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 39, n. 145, pp. 1004-22. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/ES0101-73302018191487>>. Acesso em 12 de dezembro de 2021.

abandonou o movimento de educação de adultos e nunca mais voltou. Sua experiência como tutor de adultos, por mais rica que tenha sido, pode ser comparada àquilo que o próprio Williams escreveu sobre Orwell, autor do romance *1984*, que estamos discutindo.

Segundo ele, lendo Orwell, o exilado é um observador da sociedade, bem à maneira de um repórter, sendo capaz de exercitar seu comentário sobre os fatos e as coisas, tentando persuadir todos, mas sem participar inteiramente daquilo que é comentado. A síntese do exilado é a seguinte: “[...] uma parte permanece alheia, outra compromete-se”²⁵. Williams escreveu isso pensando na atitude de George Orwell em vários de seus escritos diante de um sistema capitalista opressor e na defesa de uma sociedade mais democrática e socialista. Mas, assim como ele na educação de adultos, Orwell se comprometia politicamente em seus escritos, mas se refugiava quando a atitude política demandava uma ação mais prática por meio do Partido Trabalhista e do programa socialista britânico. Estamos, portanto, diante de dois exilados, esperando a sociedade melhorar para se reintegrarem a ela.

A síntese de Williams sobre Orwell diz muito sobre isso:

O exilado, dada sua própria posição pessoal, não pode, ao fim, acreditar em qualquer garantia de caráter social: para ele, em virtude do padrão de sua própria vida, quase toda forma de associação é suspeita. Teme-a porque não quer ver-se comprometido (aí está, frequentemente, sua virtude, pois percebe, rapidamente, a perfídia que se contém em certos compromissos). Teme-a também porque não pode divisar meio de ver confirmada, socialmente, sua própria individualidade; esta é, afinal de contas, a condição psicológica do auto-exilado voluntário.²⁶

O caráter social de que fala Williams, no qual o exilado e o autoexilado não podem acreditar, tem relação com o grupo ou a classe dominante, que eles não integram e tratam com grande suspeita, pois não concordam com eles, mas somente com os de sua classe ou partido, embora cooperem efetivamente muito pouco. Podemos dizer que nisso consiste o caráter

²⁵ WILLIAMS, Raymond. Capítulo VI: George Orwell. In: WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora. Nacional, 1969, p. 301.

²⁶ *Ibidem*, p. 300.

social desses tipos: é o processo mediante o qual o comportamento social provoca uma reação diante da não mudança, e essa reação se converte, em parte, na personalidade individual, que acaba realizando o tipo exilado e/ou autoexilado com seu caráter social individual.

No caso de Williams, o programa de educação de adultos, altamente elitista e conservador, estimulava a crítica por meio de seus escritos e comprometimento com os estudantes e o programa de estudos, *Syllabus*, nas aulas de adultos. Feito isso, Williams se autoexilava na esquerda britânica e na produção de seus livros capitais, como *Cultura e Sociedade*, sem adotar uma atitude militante no movimento como um todo. Viveu assim durante quinze anos, depois deixou a educação de adultos e migrou para a educação universitária e não acompanhou mais as lutas por mudança nesse campo. É claro que, ao criar a disciplina Estudos Culturais, reconhecia as contribuições da educação de adultos na formação desse novo campo, contudo de forma mais nostálgica do que realista.

No caso de Orwell, a escrita dos romances exilava o escritor da luta política socialista do momento. Williams dizia que o autor prezava intimamente o socialismo, mas temia os próprios socialistas de sua época, que poderiam envolvê-lo na trama de sua política partidária.

E Winston, nosso personagem principal, refugiava-se no amor, acreditando que, nesse exílio, o Partido do Grande Irmão seria destruído. Podemos dizer que Williams, Orwell e Winston eram como emigrados internos, conforme lemos anteriormente, segundo as definições dos bolcheviques citadas por Williams no excerto.

Dito isso, penso que já temos matéria suficiente para finalizar a discussão sobre o paradoxo do exílio a partir do que lemos no romance e, agora, das definições de Williams sobre exílio e autoexílio. Exilados e autoexilados, nossos três personagens nos contam que viviam e habitavam determinados lugares contra sua própria vontade. Se a questão do exílio envolve expulsão de um indivíduo ou grupo de determinada sociedade, o autoexílio representa as formas individuais de reação na construção de determinadas unidades individuais para tentar sobreviver a seus processos internos e externos agressivos. O pressuposto é transformar sentimentos poderosos, como amor e ódio, em atos políticos, não para nos castigar ou nos salvar, mas para nos ajudar a pensar.

Bibliografia

FREUD, Sigmund. Caso 2: Sra. Emmy Von N, Idade 40 anos, da Livônia (Freud). In: FREUD, Sigmund. *Estudos sobre a histeria (1893-1895)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 83-137, v. II.

FREUD, Sigmund. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II). In: FREUD, Sigmund. *Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 187-97, v. XI.

FROMM, Eric. La teoria del amor. In: FROMM, Eric. *El arte de amar*. Buenos Aires: Paidós, 2017, pp. 21-111.

ORWELL, George. 1984. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2020.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. Raymond Williams: história intelectual inglesa, cultura e educação de adultos no pós-guerra. In: *41º Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu: Anpocs, 2017, pp. 25-30. Disponível em: <<http://anpocs.org/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt15-26/10732-raymond-williams-historia-intelectual-inglesa-cultura-e-educacao-de-adultos-no-pos-guerra/file>>. Acesso em: 18 de novembro de 2021.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. Raymond Williams e educação democrática, *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 39, n. 145, pp. 1004-22. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/ES0101-73302018191487>>. Acesso em 12 de dezembro de 2021.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade. In: SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, pp. 59-82.

WILLIAMS, Raymond. George Orwell. In: WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969, pp. 295-304.

WILLIAMS, Raymond. Individuals and Societies. In: WILLIAMS, Raymond. *The Long Revolution*. Wales: Parthian, 2011, pp. 95-126.